

REMINISCÊNCIAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA UAB/FURG: NOSSA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE NA EAD

HELENARA PLASZEWSKI FACIN (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)), CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE), SILVANA MARIA BELLÉ ZASSO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE- FURG).

Resumo

Este relato emerge de nosso trabalho enquanto Tutora e Professoras a Distância, na disciplina de Alfabetização e Letramento I. Essa disciplina faz parte do Curso de Pedagogia–Licenciatura, na modalidade a distância, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), vinculado ao Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), no Pólo de Santa Vitória do Palmar. Se constitui de uma análise do movimento de ressignificação dos saberes e da reconstrução das práticas docentes através das lembranças do processo de alfabetização dos alunos. O procedimento de ensino foi pautado em narrativas escritas, por partilharmos da concepção de que tal princípio teórico e metodológico engendra condições favoráveis ao processo de formação e de autoformação de professores, o qual toma a experiência do sujeito como fonte de conhecimento e de formação. Consideramos, ao trabalhar com o processo de alfabetização, a idéia de que os alunos em formação têm um conhecimento sobre leitura e escrita que foi se constituindo nas experiências do processo de alfabetização de cada sujeito. O nosso trabalho é trazer à tona estas concepções para refletir, problematizar e reconstruir seus saberes e práticas. Por fim, foi um grande desafio e, ao mesmo tempo, enriquecedora formação, ao conhecer a história e o processo de escolarização dos alunos, pois o ato de buscar no passado as histórias, selecionando recordações, sentimentos, experiências vividas, os modelos e estratégias de ensino são fundamentais para contribuir na formação inicial e continuada de professores, porque os inúmeros saberes aprendidos através das vivências possibilitam uma ação reflexiva sobre as futuras práticas, que estão enraizadas em nosso discurso pedagógico.

Palavras-chave:

Educação a Distância, Formação de Professores, Alfabetização e Letramento.

Introdução

Nas últimas décadas, devido ao surgimento e evolução de novas tecnologias, várias contribuições nas áreas da ciência e educação foram modificadas, alterando de forma definitiva nossa relação com o saber.

Em se tratando de educação, esta possibilitou a ampliação e disseminação da educação a distância nas diversas áreas de formação e atualização profissional. Neste cenário o Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), lançado através do Decreto N° 5.622, de 19 de dezembro de 2005, regulamentando o Artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, culminou no Edital de Seleção n° 01/2005-SEED/MEC, que tem por objetivo principal formar um sistema integrado de instituições públicas para levar o ensino superior aos municípios que não contam com oferta ou, cujos cursos ofertados são insuficientes para atender à população, através da modalidade de Educação a Distância (EaD).

Deste modo, sensível a essa demanda, a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) é uma das instituições superiores que procura atender as necessidades da região e as inovações tecnológicas, inserindo-se nos seguintes municípios: Mostardas, Santa Vitória do Palmar, Santo Antônio da Patrulha e São José do Norte, com cursos de formação de professores, qualificando professores sem formação superior, sem afastar-se da docência, e, ainda, vivenciar uma outra forma de aprendizagem.

Diante desta realidade educacional destacamos a experiência ao trabalhar com o Curso de Pedagogia-Licenciatura, na modalidade a distância, na disciplina de Alfabetização e Letramento I, no primeiro módulo de 2009, mais especificamente indica-se como delimitação desta análise o trabalho desenvolvido no Pólo de Santa Vitória do Palmar. A Professora Helenara exerce a função de tutora a distância[1] e as Professoras Cleuza e Silvana ministram a disciplina no município destacado, que prevê dois encontros presenciais.

Sendo assim, com o objetivo de corroborar com a temática de alfabetização e letramento, escrevemos este relato de experiência que tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre o processo de alfabetização dos alunos por eles vivenciados, as quais servirão de referência em sua atuação docente.

Importante dizer que, para tecitura deste texto edificado a seis mãos, trabalhamos com a narrativa escrita por partilhar da concepção de que tal princípio teórico e metodológico engendra condições favoráveis ao processo de formação e de autoformação de professores, o qual toma a experiência do sujeito como fonte de conhecimento e de formação.

Nesta perspectiva Josso (2004) e Nóvoa (1992) apontam que as narrativas marcam e entrecruzam as aprendizagens nas dimensões tanto pessoais quanto profissionais, sendo potencializadoras de análise, diálogo, de saberes e práticas, pois carregam as marcas do contexto em que viveram, as experiências construídas e reconstruídas ao longo do percurso do "ser" professor.

Por meio deste trabalho buscamos reconstruir, através das lembranças dos alunos, fatos e acontecimentos vivenciados em seu processo de alfabetização, como forma de analisar e problematizar as implicações, os modelos, a trajetória, os métodos, os princípios e a identidade profissional para auxiliá-los a refletir, repensar e reorientar suas futuras práxis, a partir desta disciplina no curso da EaD.

Aulas de Alfabetização e Letramento I na EaD subsidiada pela narrativa escrita

No que tange a organização do curso este se estrutura por módulos, na modalidade semipresencial, de acordo com a legislação educacional vigente, sendo que a cada módulo o programa oferece três disciplinas concomitantemente (Alfabetização Letramento I, Fundamentos e Metodologia da Língua Portuguesa e Seminários Interdisciplinares IV).

Desta forma, cada disciplina acontece num período de aproximadamente dois meses e meio, onde as atividades são distribuídas em torno de oito semanas de aula, e esta disciplina em destaque teve por objetivo principal: conhecer os

fundamentos epistemológicos que têm sustentado a maioria das práticas alfabetizadoras no Brasil. Neste sentido, construir referenciais que permitam analisar e orientar as práticas no campo da alfabetização.

Ao mencionar a modalidade da EaD, é importante registrar que as atividades foram realizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), na Plataforma Moodle, por meio da narrativa escrita presente nos trabalhos (tarefas postadas), das contribuições dos alunos nos fóruns de discussão e nas tarefas postadas. Através da interação síncrona e assíncrona, e além de dois encontros presenciais no pólo de Santa Vitória do Palmar.

Destaca-se que uma das tarefas solicitada foi sobre as lembranças dos primeiros contatos que os alunos tiveram com a escola formal, procurando resgatar as experiências do processo de alfabetização, ou seja, as experiências dos primeiros anos escolares. Desta forma, reconstruíram conceitos e concepções vivenciadas por cada um deles durante a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, ao rememorarem as atividades desenvolvidas em sala de aula, a imagem da professora, a organização espacial do mobiliário em sala de aula, a relação com a professora, os rituais, dinâmica na escola, os tempos e espaços, etc....

O interessante é que, para além da atividade que entregavam no link tarefas, os alunos em outro espaço de aprendizagem no AVA participaram do fórum de discussão, através da postagem de breves relatos, questionamentos e fatos para socializar e problematizar com os colegas o tema trabalhado. Dentre as narrativas percebemos que as lembranças dos primeiros momentos de sua alfabetização estão muito bem "guardadas" em suas memórias:

Uma lembrança muito trágica das poucas que tenho do início da minha alfabetização... Estava na primeira série, e ainda não conseguia fazer o W, e um colega meu não conseguia fazer o Q, então a professora chamou ele para ir ao quadro fazer a letra Q, e ele foi e fez um q do tipo deste que aparece aqui (q) só que cortou embaixo, e a professora tinha ensinado a fazer desenhado, ele levou um xingão e começou a chorar, e eu fiquei morrendo de medo que ela me chamasse para fazer a letra W, no caderno eu conseguia, pois virava e fazia um M, mas no quadro não tinha como virar... (Aluna Patricia[2], 09/03/09)

Tenho duas recordações fortes que eram os inúmeros cadernos de caligrafia, e a leitura de um pequeno texto para a professora e diretora que nos daria a aprovação ou não no final do ano, desse episódio ainda lembro-me da ansiedade e que em duas ou três lidas decorei até as vírgulas que tinha de tanto medo que este me causou. (Aluno Mário, 09/03/09)

Uma coisa que lembro [...] é que quando a professora fazia perguntas, me mandava ficar quieta pra deixar os outros que ainda não sabiam, responder... Talvez seja por isso que a minha mãe começou a receber bilhetes, e eu recebi recados no boletim dos quais me lembro exatamente: "não perturbe os colegas com conversa". (Aluna Márcia, 03/03/09)

Tais narrativas indicam a pouca sensibilidade do professor no trato com a criança, a fragilidade de conhecimento sobre o processo de desenvolvimento infantil e do contexto social e cultural em que a criança está inserida. Tais procedimentos metodológicos das professoras nos fazem inferir sobre a pertinência dos estudos que tratam sobre o passado longínquo, da invenção da escrita. Conhecer as fases pelas quais a humanidade percorreu até a invenção do alfabeto contribui para entendermos que aprender a escrever e a ler é um processo complexo por ser

abstrato e arbitrário, o que ocasiona muitas dúvidas e conflitos próprios da aprendizagem deste objeto de conhecimento.

Neste sentido, precisamos nos atentar às dúvidas e afirmações das crianças porque nelas é que estão as indicações da compreensão que cada criança vem construindo sobre a natureza e o funcionamento da escrita.

A utilização da narrativa escrita na formação do professor possibilita uma formação comprometida com o entendimento de si próprio, com a trajetória pessoal e profissional de cada um (intimamente "imbricados") e com a tentativa de "enquadramento/identificação". Conforme destaca Josso (2004), o ato de narrar a própria história possibilita ao sujeito um constante diálogo interior, pois o sujeito põe em evidência os recursos experienciais acumulados e as transformações identitárias que construiu ao longo da vida.

Isto significa dizer que devemos partir do pressuposto de que a formação do "ser" docente não se constitui de momento único, estanque de formação, e, sim, através das próprias experiências, tanto pessoais quanto profissionais, que construímos nossos saberes, assimilamos novos conhecimentos, novas teorias e práticas. Conforme aponta Tardif (2002), elas são "construídas e reconstruídas durante toda a vida".

Portanto, colocar a pessoa do professor como uma das centralidades do processo formativo é fundamental uma vez que permite entender o significado do desenvolvimento pessoal no processo profissional do trabalho docente, superando a racionalidade técnica como modelo único de formação para uma diversidade de concepções que valorizam a experiência vivida.

Desta forma, ao resgatar as lembranças que estão no baú da memória, reflete-se sobre os dispositivos guardados nela: as teorias, vivências, experiências, posturas e modelos positivos ou não da docência, o que permite uma (auto)reflexão para intervir, rever, copiar ou demarcar seu próprio trabalho enquanto educador na atualidade.

Relembrar fatos vividos e ocorridos durante nosso processo de alfabetização é sem dúvida fundamental, pois nos coloca num campo reflexivo num diálogo interior que aponta, muitas vezes, marcas que trazemos conosco e que poderemos reproduzir em nossa prática sem percebermos. Assim, ao debruçar-nos em nossas próprias experiências, fazemos formação e auto-formação.

Ao recordarmos nosso processo de alfabetização, o quê de fato vem à tona? A professora, as lições trabalhadas, os métodos, a cartilha... O que lembramos?

Sobre a memória, Benjamin (*apud* SOUZA, 2006) diz que "um acontecimento vivido é finito ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois [...]". (p.13)

Assim sendo, as recordações dos alunos são ricas em detalhes, especialmente aquelas que relatam as lições estudadas no primeiro ano escolar:

Lembro que para nos fazer ler a professora riscava com a caneta em cima de uma palavra e dizia: "-L e a faz? T e a faz?" Ela ficava repetindo até a gente conseguir dizer. Pra mim era aterrorizante, pois tinha que sair uma resposta da minha boca e eu não conseguia. (Aluno Vitor, 11/03/09)

Na fala do aluno percebemos o ambiente angustiante que foi seu processo de alfabetização, pelo fato da alfabetizadora ter uma formação que preconizava uma prática que supunha que a aprendizagem acontecia pela repetição e que a escrita era uma técnica a ser interiorizada a partir da memorização das letras e de suas famílias silábicas.

Através desta atividade da narrativa escrita, oportunizou-se lembrar o que viveram e se constituiu em uma estratégia metodológica que impôs a (des)construção da concepção tradicional de ensinar a ler e a escrever.

Reconhecendo os métodos de alfabetização

Outra atividade solicitada aos alunos foi a de escrever um texto dissertativo e, dentre suas lembranças dos primeiros anos escolares, escolher uma atividade ou algum procedimento de ensino da professora para, posteriormente, identificar aproximações com os fundamentos de algum dos métodos tradicionais de alfabetização estudados nas aulas.

Eu fui alfabetizada através da família das letras. Era apresentada a letra, após recortávamos objetos e animais que iniciavam com a letra para a confecção do alfabeto. Eram realizadas atividades com a letra, depois passávamos para o som da letra, então começávamos a formar as sílabas onde formávamos a família de cada letra. As atividades não eram muito variadas. [...] Lembro que as letras eram ensinadas isoladamente, a prof^a era quem determinava todas as atividades sem ter os alunos participação na elaboração das atividades, as palavras que nos eram ensinadas não faziam parte de nosso mundo de criança. (Aluna Vitória, 06/04/09)

O que recordo é que cada vez que chegava a professora Zélia (não sei o que ela era na escola) na nossa sala, seríamos apresentados para uma nova letra. Ela contava uma história e nos dava desenhos começando com a letra. As vezes tinha música também, mas elas escassearam muito. O "A" tinha a história da abelhinha; as outras letras, não consigo lembrar. (Aluna Marta, 06/04/09)

Método tradicional, uma coisa de cada vez, muito pontilhado, curvas, recortes relembro que até chegarmos à letra "a" foi um tempão, juntar as letras então. (Aluno Paulo, 06/04/09)

Este procedimento do ensino inicial de letra por letra e a memorização de sua imagem gráfica está muito próxima das concepções defendidas pelos métodos sintéticos. Como mencionamos, esta experiência de suscitar a memória para lembrar das atividades de sala de aula, daquilo que a professora falava, sobre o escrever e ler, contribui para os alunos dos cursos de formação de professores desconstruírem certas concepções de alfabetização, as quais estão pautadas na cultura pedagógica predominante no Brasil.

Ao lembrarem do uso da cartilha, esta foi considerada, como o recurso pedagógico mais utilizado pela professora. Nela continha atividades que se aproximavam de determinadas crenças ou métodos sobre o processo de alfabetização. Todas estas

lembranças contribuem para a reconstrução das concepções que envolvem a docência e, neste caso, o ato de alfabetizar.

Historicamente no campo da alfabetização há dois grupos de métodos que balizam as discussões em torno do ato de alfabetizar: o método de marcha sintética e o método de marcha analítica. No primeiro grupo, estão aqueles cuja metodologia leva o aluno a combinar elementos isolados da língua - sons, letras, sílabas - aglutinando-os em palavras e frases, tendo como base o processo mental da síntese (subdividido em métodos Alfabético, Fônico e Silábico). No segundo, estão aqueles que levam o aluno a destacar de unidades lingüísticas maiores - palavra ou frase, os elementos menores e tem como base o processo mental de análise (subdividido em Palavração e Sentenciação).

Após compreender tais bases, fica mais fácil identificar nosso processo de alfabetização e/ou na atuação em classes de alfabetização. Cada lembrança é única e singular. Mas quando não lembramos? Porque será que a memória recusa lembrar? Com essa visão destaca-se que duas pessoas podem vivenciar o mesmo acontecimento, mas recordá-lo e contá-lo de diferentes modos, pois a memória está condicionada pela emoção, por lembranças boas ou ruins, de acordo com as experiências pessoais. Ela gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de re(construção) e transformação das experiências relembradas.

Pra começar meu primeiro dia de aula foi um escândalo, segurei na porta e não queria entrar de jeito nenhum, fui para casa e depois de muita conversa aceitei a escola. [...] o grande problema é que tinha vergonha de perguntar e vinha com muitas dúvidas para a casa, porém recebia ajuda da família. Pra mim isto é total falta de sensibilidade do professor, pois não me lembro de nenhuma aproximação para trabalhar este problema (timidez). Depois conforme fui crescendo comecei a superar esta barreira, principalmente no ensino médio, mas até hoje quando tenho de apresentar algum trabalho ainda fico muito nervosa. (Aluna Renata, 08/04/09)

Falando em lembranças, nunca me esqueço do dia que escondi a cartilha na primeira série, porque não conseguia ler. Todos os dias tinham leitura na mesa da professora, porém eu não conseguia ler como os outros. Daí tive a brilhante idéia de jogar o livro num canto da sala do pré. Quando a professora me chamou pra fazer a leitura eu disse: "Perdi o livro professora." Achei que perdendo o livro não precisaria ler. Só que não demorou um minuto e a professora do pré entrou na minha sala dizendo: " Vê se cuida mais teu livro Ana Paula, deixasse caído lá na minha sala." Que tristeza, tive que fazer a leitura e ouvir os gritos da pró me xingando. (Aluna Andréia, 09/04/09)

Não tenho lembranças boas da escola, não me recordo de momentos felizes, lembro que éramos proibidos de tudo, foi completamente castradora para mim, principalmente por que todas as pessoas diziam que a escola era maravilhosa, que podíamos rir conversar, brincar... acredito que é por isso que as minhas recordações não são tão boas assim!!!! (Aluna, Jaqueline, 08/04/09)

Os relatos apontam a importância de tratarmos a individualidade de cada aluno, principalmente nesta fase de ingresso na escola formal. Através das experiências dos alunos percebe-se como é importante compreender o processo de desenvolvimento do aluno e considerar o contexto social e cultural em que ele está inserido, respeitando o ritmo, a sensibilidade e a afetividade dos alunos. Também, as marcas que a escola deixa.

Conforme Pollak (1992), "a memória é constituída por pessoas, personagens". Além disso, segundo as autoras Stephanou e Bastos (2005), "*é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas.*" Nesse sentido, no processo de alfabetização percebe-se a emoção e as "marcas" que ficam na vida, prática e concepções.

Conclusão

O módulo chegou ao fim, terminamos a disciplina, mas já anunciamos alguns resultados: foi um grande desafio e, ao mesmo tempo, enriquecedora formação, ao conhecer a história e o processo de escolarização dos alunos, pois o ato de buscar no passado as histórias, selecionando recordações, sentimentos, experiências vividas, os modelos e estratégias são fundamentais para contribuir na formação inicial e continuada de professores, porque os inúmeros saberes aprendidos através das vivências possibilitam uma ação reflexiva sobre as futuras práticas, que estão enraizadas em nosso discurso pedagógico.

É preciso conhecer e identificar os métodos de alfabetização com relação ao contexto histórico, entender a origem, base e procedimentos didáticos:

Métodos de alfabetização	Sintéticos	Analíticos
	Alfabético	Palavração
	Silábico	Sentencição
	Fônico	Historiado

Por isso, durante as interações entre aluno o professor no que tange ao processo de ensino-aprendizagem, este tem um papel fundamental para auxiliar no processo de alfabetização da criança, que culminará no fracasso ou sucesso escolar. Portanto, neste processo, tem que se observar o que a criança já sabe sobre a escrita e a leitura; propiciar continuidade na aprendizagem da escrita; considerar que a criança é inteligente e já vem, desde antes de chegar à escola, pensando sobre a escrita e criar situações para que avance em seu raciocínio sobre a escrita.

Então, a necessidade de reconhecer na atuação docente:

- o A disposição para observar a lógica dos alunos em relação ao funcionamento do sistema da escrita;
- o Nunca negar informações para o aluno sobre o sistema da língua escrita;
- o Potencializar a inteligência do aluno;

- o Mostrar que escrever não é a mesma coisa que falar, embora mantenha algumas relações;
- o Ser pesquisador de sua própria ação, sem perder de vista as teorias que discutem: conhecimento, aprendizagem, língua, escrita.
- o Descobrir o que mobiliza o sujeito a estar buscando a alfabetização;
- o Ter presente um projeto coletivo de aprendizagem.

Por fim, têm-se enfatizado a importância de compreender a vida e a trajetória do futuro professor ou de uma formação continuada, analisando as experiências que viveram e as aprendizagens que construíram ao longo de sua trajetória escolar e depois acadêmica. Também, exige-se dos cursos de formação um novo desafio de repensar, refazer, reviver experiências e situações passadas como forma de refletir a prática de hoje e pensar a próxima prática. É o que Freire (1996) sinaliza "me movo como educador, porque primeiro me movo como gente".

Referências bibliográficas

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Ed. Scipione, 1996.

FRAGO, Antonio Vinão. **Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

POLLK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol.5, n.10, 1992, p.220-212.

RIBEIRO, Vera M.(org.) **Letramento no Brasil**.(reflexões a partir do INAF de 2001, 2ª ed., São Paulo, Global, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento em três gêneros**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

STEPHANOU, Maria. História, memória e história da educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol.III: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

[1] A tutoria a distância nesta modalidade de ensino tem a função de discutir e orientar semanalmente as dúvidas da disciplina por meio da plataforma moodle.

[2] Nesta pesquisa o nome dos alunos será preservado e por isso estão identificados por nomes fictícios.